

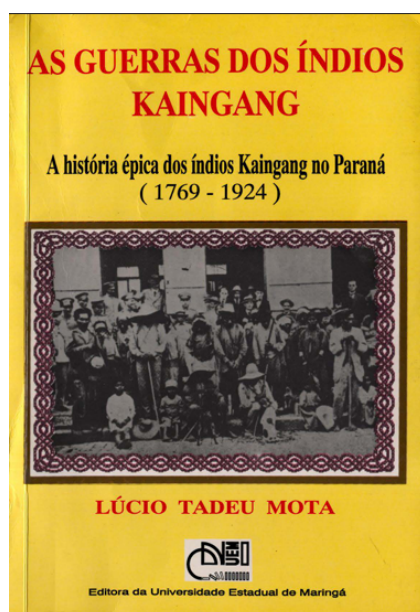


INDÍGENAS EM BATALHA: RESISTÊNCIA KAINGANG NO SÉCULO XVIII

*Faed da Silva Pinto*¹
*Leonardo Schuelter Barbosa*²

Referência:

MOTA, Lúcio Tadeu. As expedições do tenente-coronel Afonso Botelho e a resistência Kaingang nos Coranbang-rê. 3. Parte III. In: MOTA, Lúcio Tadeu. **As guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)**. Maringá: EDUEM, 1994. p. 109-124.



O livro *As Guerras dos Índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)*, escrito por Lúcio Tadeu Mota, é uma obra importante para compreender a formação histórica do Sul do Brasil e as relações entre colonizadores e populações indígenas. Publicado originalmente na década de

¹ Acadêmico de Medicina - UFFS - Campus Chapecó - faed.da.silva.pinto@gmail.com

² Acadêmico de Medicina - UFFS - Campus Chapecó - leonardoschuelter07@gmail.com



1990, o texto desconstrói o mito do "vazio demográfico" paranaense ao demonstrar que o interior do estado não era um território despovoado, mas uma região amplamente ocupada por diferentes grupos indígenas, especialmente os Kaingang. A partir do levantamento de fontes primárias, como relatórios militares, cartas régias e documentos administrativos, Mota reconstrói os conflitos entre indígenas e colonizadores, destacando as diversas formas de resistência Kaingang diante do avanço da ocupação luso-brasileira. Ao longo do livro, o autor evidencia que a conquista do território paranaense foi marcada por confrontos, negociações e estratégias de defesa indígena, revelando o protagonismo dos Kaingang em sua própria história.

O capítulo 3 da parte III aborda as expedições militares organizadas pelo Tenente Coronel Afonso Botelho de Sampaio e Souza, entre os anos de 1768 e 1774 nos Campos de Guarapuava, chamados pelos Kaingang de *Coranbang-rê*, cujo significado pode ser dado como "Campo da Clareira Grande". O autor mostra como essas expedições tinham o objetivo de ocupar o território indígena e ampliar o domínio português na região. Ao mesmo tempo, o capítulo demonstra que os Kaingang resistiram constantemente à presença dos colonizadores, utilizando estratégias de ataque, cercos e emboscadas para impedir o avanço das tropas.

No início do capítulo, Mota apresenta os interesses do governo português sobre os Campos Gerais e explica que as expedições eram justificadas pela necessidade de proteger tropeiros, fazendas e estradas dos ataques indígenas. O autor utiliza documentos e cartas da época para mostrar que os indígenas eram vistos pelos portugueses como "bárbaros" que deveriam ser catequizados e integrados à Igreja e ao reino português. Porém, ao longo do texto, fica claro que os Kaingang estavam defendendo seu próprio território contra a invasão colonial (p. 110-111).

Durante as expedições, os Kaingang demonstravam conhecer muito bem a região e observavam constantemente os movimentos dos soldados. O capítulo relata vários episódios em que os indígenas utilizavam emboscadas para atacar pequenos grupos afastados do acampamento. Um dos principais acontecimentos ocorre em 1772, quando alguns soldados atravessam o rio Jordão acompanhando os indígenas e acabam sendo mortos. Segundo o relato apresentado pelo autor, sete soldados foram mortos depois de serem atraídos para longe do acampamento e das armas de fogo portuguesas. Esse episódio



mostra como os Kaingang evitavam confrontos diretos e aproveitavam as fraquezas dos soldados (p. 114-117).

Outro ponto importante é a maneira como os indígenas estudavam o comportamento das tropas antes dos ataques. Em diversos momentos os Kaingang visitavam os acampamentos, observavam as armas, os caminhos e tentavam ganhar a confiança dos soldados. Em acordo com a documentação levantada, Mota demonstra como Botelho acreditava que os indígenas tinham curiosidade e receio dos portugueses, mas, na verdade, segundo o autor, eles estavam analisando os movimentos da expedição. Além disso, o texto apresenta tentativas dos indígenas de envenenar alimentos e atrair os soldados para armadilhas fora do acampamento (p. 115-117).

Entre as páginas 116 e 124, fica claro que as tropas portuguesas tiveram grandes dificuldades para permanecer nos campos de Guarapuava. Os ataques constantes, a falta de segurança e o medo de novos cercos fizeram com que várias expedições recuassem. O próprio Afonso Botelho, que criticava oficiais por abandonarem posições militares, acabou sendo obrigado a se retirar da região depois das perdas sofridas. Mesmo organizando novas investidas militares, os portugueses continuaram encontrando resistência dos Kaingang, que cercavam os acampamentos e impediam o avanço das tropas.

Por fim, o capítulo demonstra que a resistência Kaingang conseguiu retardar por quase quatro décadas a ocupação portuguesa nos campos de Guarapuava. As expedições de Afonso Botelho não conseguiram consolidar o domínio colonial sobre a região, e os indígenas mantiveram o controle do território por um longo período. Somente a partir da segunda década do século XIX a ocupação de Guarapuava passou a avançar de forma mais expressiva. Dessa forma, o texto ajuda a compreender melhor os conflitos entre indígenas e colonizadores no sul do Brasil e mostra como a ocupação territorial aconteceu de maneira violenta, marcada por tensões e confrontos.

O autor utiliza uma linguagem clara e ampla gama de documentos históricos para reconstruir os conflitos ocorridos nos Coranbang-rê. Isso torna o texto interessante e facilita a compreensão dos acontecimentos, principalmente porque o autor tenta analisar os dois lados do conflito de maneira imparcial. Deste modo, recomenda-se não apenas a leitura deste capítulo, assim como do livro todo, na medida em que o estudo cobre um período de um século e meio de história indígena no Paraná, lançando luz sobre uma temática histórica ainda pouco explorada.